

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “SOCIOLINGÜÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUAS” DA REVISTA ENTRELÍNGUAS

### *PRESENTACIÓN DEL NÚMERO MONOGRÁFICO “SOCIOLINGÜÍSTICA Y ENSEÑANZA DE LENGUAS” DE LA REVISTA ENTRELÍNGUAS*

### *PRESENTATION FOR THE SPECIAL ISSUE “SOCIOLINGUISTICS AND THE TEACHING OF FOREIGN LANGUAGES” OF REVISTA ENTRELÍNGUAS*

Egisvanda Isys de Almeida SANDES<sup>1</sup>  
Antonio MANJÓN-CABEZA CRUZ<sup>2</sup>  
Elena Fernández de MOLINA ORTÉS<sup>3</sup>

**RESUMO:** Trata-se de uma introdução sobre a temática proposta, na qual se ressalta a importância dos estudos sociolinguísticos para o ensino, a aquisição e aprendizagem de línguas. Além disso, apresenta-se cada texto do material, começando pelas entrevistas a representantes significativos e atuais da sociolinguística variacionista (Francisco Moreno Fernández e Juan Manuel Hernández Campoy) dos âmbitos hispânico e anglosaxão, respectivamente; em seguida, discorre-se sobre os dez artigos que tratam da temática sob duas perspectivas: atitudes e crenças linguísticas dos falantes e normas e políticas linguísticas. Por último, comentam-se as resenhas de dois livros vinculados à temática do dossiê: *The Routledge handbook of Spanish as a heritage language*, editado por Kim Potowsky, 2018, Nova York, editora Routledge, e *La trastienda de la enseñanza de lenguas extranjeras*, de Francisco García Marcos, 2018, da coleção Interlíngua da Editora Comares de Granada/Espanha. A apresentação é um convite aos leitores a desfrutarem da leitura do dossiê.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística e ensino de línguas. Dossiê. Crenças e atitudes linguísticas. Norma e políticas linguísticas. Revista Entrelínguas.

**RESUMEN:** *Se trata de una introducción al tema propuesto, en el cual se enfatiza la importancia de los estudios sociolingüísticos para la enseñanza, adquisición y aprendizaje de lenguas. Además, se presenta cada texto del material, comenzando con entrevistas a representantes significativos y actuales de la sociolingüística variacionista (Francisco Moreno Fernández y Juan Manuel Hernández Campoy) de las esferas hispana y anglosajona, respectivamente; luego, se comentan los diez artículos que tratan el tema desde dos perspectivas: actitudes y creencias lingüísticas de los hablantes y normas y políticas lingüísticas. Finalmente, se expone sobre las reseñas de dos libros relacionados con el tema*

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara – SP – Brasil. Docente do Departamento de Letras. Pós-doutora pela Universidad de Granada (Espanha) e Universidad de Educación a Distancia (UNED-Madri-Espanha). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3824-146X>. E-mail: [egisvanda.sandes@unesp.br](mailto:egisvanda.sandes@unesp.br)

<sup>2</sup> Universidad de Granada, España. Profesor Titular del Departamento de Lengua Española, Facultad de Filosofía y Letras. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2112-3793>. E-mail: [amanjoncabeza@ugr.es](mailto:amanjoncabeza@ugr.es)

<sup>3</sup> Universidad de Granada, España. Profesora Doctora del Departamento de Lengua Española de la Facultad de Filosofía y Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9907-7985>. E-mail: [efortes@ugr.es](mailto:efortes@ugr.es)

*del monográfico: The Routledge handbook of Spanish as a heritage language, editado por Kim Potowsky, 2018, Nueva York, editorial Routledge y La trastienda de la enseñanza de lenguas extranjeras, por Francisco García Marcos, 2018, de la colección Interlingua de la Editorial Comares de Granada / España. La presentación es una invitación a los lectores a disfrutar leyendo el monográfico.*

**PALABRAS CLAVE:** Sociolingüística y enseñanza de lenguas. Monográfico. Creencias y actitudes lingüísticas. Normas y políticas lingüísticas. Revista Entrelínguas.

**ABSTRACT:** *This is an introduction to the proposed theme, in which the importance of sociolinguistic studies for the teaching, acquisition and learning of languages is emphasized. In addition, each text of the material is presented, starting with interviews with significant and current representatives of the variation sociolinguistics (Francisco Moreno Fernández and Juan Manuel Hernández Campoy) from the Hispanic and Anglo-Saxon spheres, respectively; then, it discusses the ten articles that deal with the theme from two perspectives: linguistic attitudes and beliefs of speakers and linguistic norms and policies. Finally, the reviews of two books related to the Special issue are commented: The Routledge handbook of Spanish as a heritage language, edited by Kim Potowsky, 2018, New York, Routledge publisher, and La trastienda de la enseñanza de lenguas extranjeras, by Francisco García Marcos, 2018, from the Interlingua collection of Editora Comares de Granada / Spain. The presentation is an invitation to readers to enjoy reading the Special issue.*

**KEYWORDS:** Sociolinguistics and language teaching. Special issue. Linguistic beliefs and attitudes. Linguistic norms and policies. Revista Entrelínguas.

Desde seus primórdios, a sociolinguística teve como principal vertente aplicada o ensino de línguas. Lembremos que, com a sociologia da linguagem, postulou-se a teoria do déficit linguístico, na qual Bernstein tinha estado trabalhando desde 1958, ainda que sua obra mais conhecida fosse publicada mais tarde. (BERNSTEIN, 1971). Essa teoria teve importantíssimas repercussões sociopolíticas e foi base para criação da chamada educação compensatória na língua materna. Ainda assim, a partir da escola variacionista (LABOV, 1972) se impulsionou o estudo científico da interlíngua de aprendizagem de línguas estrangeiras, com os trabalhos de, por exemplo, Taronne (1979; 1982) ou Ellis (1985), dentro da perspectiva da variação estilística.

Precisamente, nos últimos tempos a sociolinguística está incorporando a perspectiva cognitiva ao ensino de línguas (MORENO FERNÁNDEZ, 2007; 2012; CARAVEDO, 2014), visto ser fundamental a integração do estudo dos valores ou avaliações sobre as diferentes variedades das línguas tanto do alunado como do professorado. Similarmente, as técnicas e o trabalho sobre o desenvolvimento da competência sociolinguística na aprendizagem de uma nova língua representam um valor essencial, que se destaca na maioria dos planos curriculares

de línguas, dada sua importância para o desenvolvimento da capacidade linguística e social dos falantes dessas novas línguas.

Esses trabalhos se intensificam em um mundo globalizado, no qual não só cada vez mais é habitual aprender línguas estrangeiras, como também as imigrações em massa mudam a visão do ensino de línguas, que deve focada desde múltiplas perspectivas. Nesse ponto, a sociolinguística aplicada ao ensino de línguas é uma aliada indiscutível nos processos de acolhimento, socialização e integração dos imigrantes e refugiados em todo o mundo. Além disso, é inegável que tais movimentos populacionais também estabelecem o problema da projeção internacional das línguas latinas (português e espanhol, especialmente) no âmbito anglo-saxão.

Sem dúvida, por tanto, a meta de pesquisas de sociolinguística aplicada ao ensino das línguas deve ser a transferência à sociedade em múltiplos aspectos, entre os quais se destacam, por exemplo, a melhoria dos manuais de ensino ou a especialização de materiais levando em conta o alunado a que se dirigem; é fundamental, também ter uma maior responsabilidade no trabalho docente, ser consciente do que representa a alteridade e também refletir sobre a o tornar dignas certas variedades linguísticas que, conseqüentemente, criam estereótipos linguísticos que freiam a aquisição da competência linguística do alunado de línguas estrangeiras ou segundas línguas.

Neste dossiê, pretende-se unir esses temas para reforçar e ampliar os trabalhos sobre essas novas vias de pesquisa. Como relativa novidade, apresentamos ao público três tipos de textos. Em primeiro lugar, duas entrevistas a Francisco Moreno Fernández e Juan Manuel Hernández Campoy, pesquisadores destacados da sociolinguística variacionista relacionada com o âmbito hispânico e anglo-saxão respectivamente. Sem dúvida, a leitura dessas entrevistas será enriquecedora e abrirá novos horizontes aos pesquisadores interessados nas relações entre língua e sociedade. Posteriormente, apresentam-se dez trabalhos que se postulam sobre um eixo comum: as relações entre sociolinguística e ensino-aprendizagem de línguas, em que se podem encontrar pesquisas sobre atitudes e crenças linguísticas dos falantes e norma e política linguística.

Em uma parte, entre os artigos que discutem as atitudes e crenças perante as línguas e seus efeitos no ensino e aprendizagem, apresentam-se trabalhos que abordam a temática, a partir de diversas comunidades linguísticas.

Esse conjunto se inicia com o trabalho de Ghessi e Berlinck, que trata da avaliação, as atitudes, as crenças linguísticas e o ensino de Língua Portuguesa, em que se pretende conhecer quais são as atitudes linguísticas de quatro professores do ensino médio de duas

escolas de Monte Azul Paulista (São Paulo - Brasil). Após realizar uma aproximação teórica sobre o conceito de atitude linguística e de conceitos relacionados e estudados pela linguística variacionista, a finalidade deste trabalho é corroborar se neste grupo existem atitudes negativas sobre a variedade linguística do português quando os falantes realizaram ou não concordância verbal na terceira pessoa do plural. No artigo, pode-se comprovar como a partir da leitura de vários textos, os professores costumam ter uma percepção negativa com os estereótipos linguísticos que desprestigiam certas variedades do português. Evidentemente, como afirma a autora, essas considerações influenciam negativamente não só na forma em que se expressam em aula esses professores, como também em como o alunado recebe uma ideologia linguística que se revela como negativa à variação.

Com um estudo que vai além da averiguação das atitudes e crenças perante as variedades da Língua Espanhola, o professor Manjón-Cabeza Cruz analisa em seu artigo as semelhanças e diferenças tanto no reconhecimento das diversas variedades da língua como na sua valorização em dois grupos específicos: estudantes granadinos para serem futuros professores de espanhol e a população geral de Granada. Apresenta uma metodologia estruturada a partir do questionário do projeto PRECAVES XXI (Projeto para o Estudo de Crenças e Atitudes perante as variantes de Espanhol do Século XXI), que, além da caracterização do informante, permite emitir avaliação sobre os juízos afetivos e cognitivos acerca das variantes que se apresentam, o grau de proximidade de sua própria variedade e as valorizações segundo aspectos culturais e sociais do falante a que se escuta. Tal caminho interessante propicia especialmente ao autor fornecer importantes reflexões sobre o processo de normalização linguística e de padronização de algumas variedades e a consequente estigmatização de outras; ainda assim, permite conhecer como todo esse processo se reflete na sociedade atual, sobretudo no comportamento de estudantes para docência em espanhol, o que nos leva a refletir também sobre a importância das discussões acerca das variantes nas instituições de ensino, especificamente naquelas de formação superior.

A pesquisa realizada por Maria del Carmen Horno Cheliz e Carmen Vicente Molinero analisa se realmente a competência sociolinguística está ou não representada na sala de aula de ensino de espanhol para imigrantes. Partindo de três situações comunicativas fundamentais neste campo: a visita ao médico, a entrevista de trabalho ou a tutoria com o educador de seu filho, as autoras realizam um trabalho minucioso de análise observando: 1) Como aparecem essas situações nos manuais voltados a especificamente a imigrantes; 2) Quais são as expectativas pragmáticas dos próprios alunos diante das situações a que se propõem a partir dos resultados de um método experimental de obtenção de dados; 3) Como se pode trabalhar

essas situações em sala com atividades de observação (exibição de vídeos), ou lúdicas (jogo de representação de personagens, escrita de história em quadrinhos). Este trabalho experimental permite refletir sobre essa situação na Espanha na atualidade e é um ponto de partida para propor novos métodos específicos e, sobretudo, diretos para trabalhar aspectos sociolinguísticos com o discente imigrante.

O artigo de Radka Svetozarovová estuda a identificação e a categorização das variantes geográficas do espanhol por parte de alunos de ELE procedentes das regiões bilíngues de Eslováquia, República Tcheca e Polônia, usando a metodologia do projeto PRECAVES XXI (Proyecto para el estudio de las creencias y actitudes hacia las variedades del español del siglo XXI). Portanto, é um trabalho que combina o estudo das atitudes e crenças com a política linguística, porque os sujeitos da amostragem são estudantes de regiões bilíngues de países eslavos que estão financiados pelo Ministério da Educação de Espanha (independentemente de sua denominação em cada período concreto). É um estudo de grande interesse para o planejamento e estrutura das aulas, já que oferece dados sobre como percebem e como valorizam as variantes geolinguísticas de uma língua que não é sua própria. A autora nos oferece uma análise estatística ampla, rigorosa e original porque faz inferências significativas a partir da análise dos erros. De entre outros muitos resultados adquiridos, Svetozarovová destaca que os estudantes eslavos identificam muito bem a variante do centro-norte da península, mas também usam palavras identificadoras (como Madrid ou Castela) como curinga quando não sabem identificar outra variante. Talvez, como assinala a autora, esses dados possivelmente demonstrem que, para os entrevistados, esta variante constitui o protótipo do espanhol em geral. Por outro lado, a resposta “andaluza” também foi muito frequente, mas unicamente para variantes inovadoras, de maneira que se pode inferir que esta variante é considerada o protótipo do espanhol inovador. Por último, se observamos as respostas das variantes americanas, destaca-se a identificação com muita segurança da variante rio-platense.

Encerra a seção sobre crenças e atitudes o trabalho da professora Malaver, que nos apresenta um artigo com uma novidade de proposta neste dossiê, elaborada a partir da autobiografia linguística desde a perspectiva do eu. Nesse tipo de documento, através das histórias de vida que conta o sujeito, pode-se analisar sua relação com a língua e os processos de socialização e identificação. Em primeiro lugar, a autora define e discute a autobiografia linguística como uma forma de análise de acordo com a sociolinguística, sobretudo a cognitiva, uma vez que permite ao pesquisador conhecer tanto o conhecimento que o falante tem de sua língua e de outras línguas que conhece, como de seu entorno sociolinguístico e a

relação da língua e a construção da identidade do sujeito. Logo, a autora descreve a metodologia utilizada no projeto e como se deu a entrevista com a informante (uma venezuelana de 56 anos) e a transcrição do material, segundo a proposta no PRESEEA (Projeto para o estudo sociolinguística do espanhol da Espanha e América), conforme descreve Moreno Fernández (2005). Durante a análise, graças a uma descrição minuciosa, incluem-se os valores, crenças, significados e atitudes da informante em relação a sua língua e às demais com as quais teve contato. Isso nos leva a refletir sobre a importância de um trabalho como este, também para o ensino de línguas, de maneira que, conforme as reflexões da autora através da autobiografia linguística, pode-se, por exemplo, reconhecer as motivações dos estudantes e suas expectativas diante da língua que aprendem.

O segundo bloco de artigos, cuja temática se centra em discussões acerca das normas e políticas linguísticas e seu impacto no ensino e aprendizagem de línguas, inicia-se com o trabalho de Marcus García de Sene e Egisvanda Isys de Almeida Sandes, que analisam alguns traços fonológicos graduais na escrita desde a perspectiva da sociolinguística educativa. Os autores começam fazendo considerações acerca da relação entre a fala dos estudantes e sua influência na escrita escolar, o que provoca um choque, visto que neste espaço deve-se prevalecer a norma culta da língua e a presença de traços orais na escrita é considerada desvio da norma. Posteriormente, expõem as noções básicas da sociolinguística educativa e seus seis princípios desde a concepção de Bortoni-Ricardo (2005) e culmina em considerações acerca do continuum entre fala e escrita. A partir dessas reflexões teóricas, apresentam a análise dos três processos fonológicos mais frequentes e representativos resultantes da fala, na produção da escrita dos estudantes do sexto ano do ensino fundamental: desaparecimento do /r/ final da palavra (sai x sair, anda x andar), a monotonação dos ditongos no interior e no final de palavras (chegô x chegou), roupa x ropa), e a neutralização (ensurdecimento) das vogais em final de palavras como (sapatu x sapato, qui x que). A discussão evidencia a relação conflitiva entre a oralidade e a escrita e o desprezo da primeira no processo de ensino, que ignora o fato de que há mais convergências que divergências entre ambas as modalidades e desconsidera a percepção do contexto social em que se desenvolve a língua. Deste modo, chama a atenção para a contribuição da sociolinguística educativa na compreensão da influência da fala na escrita.

A seguir, o professor Ávila Munhoz em seu artigo aborda um tema da atualidade como o da integração social de populações migrantes em risco de exclusão, para o qual propõe empregar léxico de proximidade (dialetalismos, regionalismos e localismos, neste caso

malaguenho) nas salas de aula de espanhol como língua estrangeira. Depois de lembrar dos resultados benéficos do uso desse tipo de léxico na prática de integração social dos migrantes, moldada em estudos prévios, centra-se em estudar a distribuição social desse léxico na comunidade de acolhimento, uma vez que “acessar tal informação é essencial para entender a eficácia desta ferramenta e explorar ao máximo suas possibilidades como veículo de integração social. Se sabemos quais grupos sociais incentivam seu emprego, poderemos buscar informação, assessoria, colaboração e apoio neles para a necessária tarefa de conseguir a integração plena dos aprendizes de segunda língua com risco de exclusão social”. Ávila-Muñoz, depois de analisar os escassos localismos recolhidos nos corpus com os quais trabalha, propõe que as pessoas que poderiam atuar como voluntários, realizando tarefas de apoio ao professor de línguas estrangeiras, para aportar toda sua experiência e conhecimento vernacular em benefício das populações socialmente vulneráveis correspondem a mulheres de idade avançada, com estudos médio e superior e forte enraizamento local.

O professor Fuentes Gonzáles, da universidade de Almería, a partir de uma perspectiva metodológica qualitativa, elaborada com levantamentos biográfico-linguísticos de estudantes irlandesas, analisa a realidade linguística do programa de intercambio acadêmico ERASMUS. Ainda que se aponte que seja, em geral, benéfico, o autor ressalta suas contradições. Descobre Fuentes Gonzáles, entre o outros embates culturais, a atitude muito negativa dos estudantes Erasmus frente ao espanhol que escutam de Almeria, causada porque sua aprendizagem prévia de espanhol, operacionalizou-se categorizando e tornando essenciais os idiomas, seus discursos, seus sotaques e fazendo classificações a seus falantes a partir de modelos de correção linguísticos que se nutrem da exemplaridade do falante nativo (quase falante-ouvinte ideal). Desse modo, ao chegar ao destino linguístico, a experiência do estudante fica paralisada quando escutam falantes que não usam as formas prescritas pela gramática normativa. Assim se explica o título do artigo, extraído de um relato de uma estudante. “Quando cheguei pela primeira vez, um homem me perguntou em um restaurante simplesmente «Te gusta el pescado?» e não entendi nada. Agora, estou acostumado a esta “desesperación” da “s”, ao que a estudante quis dizer “desaparición” (desaparecimento em espanhol) da “s”, mas que ilustra muito bem o choque que lhe causou a variante do espanhol de Andaluzia.

No artigo apresentado por Juan Manuel Hernández-Campoy, Juan Antonio Cutillas-Espinosa e David Britan se apresenta um estudo fundamental para compreender a importância que tem o conhecimento da variação linguística na aquisição da competência comunicativa

dos estudantes de inglês como língua estrangeira. Os autores colocam sobre a mesa alguns exemplos que justificam perfeitamente sua hipótese e levantam questões que necessariamente qualquer professor de uma língua estrangeira deve se fazer como qual variante ensinar ou se se pode ensinar uma só variante de uma língua. Em inglês, como se explica na pesquisa, costuma-se ensinar a RP (Received Pronunciation), que não está relacionada com uma variante regional, mas com uma variante diastrática, que influi também em como os aprendizes poderão se comunicar com os falantes de dialetos – os mais gerais – de qualquer parte do Reino Unido. Deste modo, uma de outras questões que um docente deve levar em conta é, por exemplo, quais variantes gramaticais trabalhar com o discente de segundas línguas e, neste caso, os autores explicam a dificuldade de ensinar, por exemplo, uma única forma de entender o sistema pronominal ou das desinências verbais em inglês. Neste trabalho, graças à descrição teórica, gráfica e de síntese que realizam seus autores, comprova-se perfeitamente que a variante linguística do inglês está manifesta em toda sua geografia e, ensinar somente uma forma de falar uma língua, esta língua concretamente converte os aprendizes em falantes que não finalizam sua formação com uma plena competência linguística.

Finaliza este bloco o texto de Francisco García Marcos, que apresenta um artigo sobre as ATAL andaluzas e questiona se é possível um planejamento linguístico não-linguístico. O autor faz uma revisão crítica sobre como se configuraram, nos seus primórdios, as Classes Precoces de Adaptação Linguística (em espanhol ATAL) em Andaluzia a partir de um ponto de vista educativo e político e sobre qual é hoje seu estado dentro do marco educativo, linguístico e sociolinguístico da região. Na sua pesquisa apresenta um interessante percurso sobre as origens da aplicação de políticas planejamento linguístico em países fortemente interculturais como França e revisa a sistematização metodológica que se realizou na Austrália, para integrar todas as situações multiculturais e linguísticas do país nos anos oitenta. A partir da justificativa histórica e teórica, o autor reflete sobre a realidade sociolinguística das classes ATAL na região andaluz, descrevendo tanto os aspectos positivos da sua criação (a integração sociolinguística dos alunos estrangeiros em comunidades espanholas) como as debilidades dos procedimentos que foram tomando desde as primeiras propostas nos anos noventa. Garcia Marcos destaca algumas como a falta de homogeneização de critérios e métodos em todos os centros da comunidade autônoma, a ausência de profissionais formados no ensino de línguas nas classes, métodos utilizados que influenciam em uma possível estigmatização do alunado ou aspectos não considerados como a tipologia de ensino segundo a origem dos e das discentes (alfabetização, métodos de ensino, etc.)



Por último, contamos com duas resenhas a cargo das professoras Ruiz González e Cruz Ortiz. A primeira analisa O manual Routledge de Espanhol como língua de herança de 2018, editado por Kim Potowsky em nova Iorque, na Editora Routledge. O volume, que englobava 36 trabalhos de pesquisa, trata sobre o ensino de espanhol e sua aprendizagem como língua herdada em diferentes países como Austrália, Suécia, Itália e, sobretudo, nos Estados Unidos; desta forma, sobre os problemas sociais, linguísticos e educativos que propicia esta herança em falantes que se expuseram a língua de seus pais ou avós no entorno familiar e suas diferentes redes sociais.

Cruz Ortiz resenha Os bastidores do ensino de línguas estrangeiras, obra de Francisco Garcia Marcos, editada também em 2018, na coleção Interlândia da Editora Comares de Granada. Trata-se de uma obra em que García Marcos se ocupa de uma das linhas de estudo em torno da qual circulou parte de sua trajetória acadêmica, o ensino de espanhol como língua estrangeira. Em linhas gerais, este volume constitui um percurso pelas diferentes etapas, processos e mudanças por que sofreu o ensino de línguas estrangeiras desde seu nascimento até nossos dias desde o ponto de vista teórico-metodológico. Por outro lado, o autor aporta reflexões próprias, experiências pessoais como professor de E/LE e pontos de vista críticos sobre diversas questões relacionadas com essa matéria.

Os textos neste dossiê apresentam uma temática atual que certamente contribuirá muito não só aos pesquisadores da área, como também a docentes e discentes de línguas, bem como interessados nesse campo de estudo, pelo qual convidamos todos a caminhar por suas páginas.

Cabe ressaltar que este dossiê é resultado de uma importante colaboração entre professores da Universidade Estadual Paulista e a Universidade de Granada, no âmbito da internacionalização e do acordo-quadro de parceria que as une. Deste modo, conta com a colaboração de professores de diversas instituições deste e de outro lado do oceano a favor da divulgação do conhecimento científico e das pesquisas atuais.

### Como referenciar este artigo

SANDES, Egisvanda Isys de Almeida; MANJÓN-CABEZA CRUZ, Antonio; MOLINA ORTÉS, Elena Fernández de. Apresentação do dossiê “Sociolinguística e ensino de línguas”

da Revista Entrelínguas. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 1-10, jan./jun. 2020.  
E-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13710>

**Enviado em:** 30/07/2019

**Revisões solicitadas em:** 30/08/2019

**Aceito em:** 30/11/2019

**Publicado em:** 06/01/2020